

V. Oliveira Martins

69 POEMAS CARNAIS

E
UMA RECEITA
(DE BACALHAU)

Editrice | UNI Service

Copyright© 2009 UNI Service - Trento
Prima edizione: maggio 2009 - *Printed in Italy*

ISBN 978-88-6178-378-2

In copertina: *Desenho e concepção da capa*, do autor (V. Oliveira Martins)



www.uni-service.it

Novità - Catalogo - Acquisti on-line

69 POEMAS CARNAIS

E
UMA RECEITA
(DE BACALHAU)

Desta colheita de poemas a tema, de 2007 foram manufacturados três protótipos pelo próprio autor, e foram depois feitos em tipografia 50 exemplares, dos quais os 13 primeiros para distribuição gratuita aos seus familiares, amigos ou simples colegas de emprego conhecidos ao longo da vida.

Esses primeiros 13 volumes foram assinados, e distribuídos às seguintes pessoas:

- Rosarinho Gomes Oliveira Martins
- António Dinis
- Fernando Pimenta dos Reis
- I.º Manuel Gomes
- Ângela Dinis
- Stefano Celli
- Roberto Crivellaro
- Fernando Gouveia
- António Nicolau
- Pietro Cabras
- Leopoldo Pestana
- Clara Costa
- Ângela Guimarães Pereira

À Rosarinho,

Incansável companheira dos melhores
e também dos piores momentos da minha vida
(crítica activa de tudo quanto tenho escrito).

Pela preciosa companhia ao longo de todos estes anos
e também pela sua ajuda no apuramento da receita,
sem a qual a receita seria outra, sem graça nenhuma.

INTRODUÇÃO

A edição de um livro pode assemelhar-se à feitura de um vinho nas fases que atravessa e mesmo na natureza do processo, aparte as suas particularidades. Passo a explicar:

Para se preparar um vinho, começa-se pela vinha, naturalmente; que teve de ser plantada no terreno escolhido (normalmente terrenos pobres para outras culturas), acompanhada no seu crescimento e maturação das uvas, com todos os trabalhos inerentes a proporcionar um bom desenvolvimento com vista a um bom produto final. Até que chega a vindima, ponto crucial do processo, durante o qual as uvas são colhidas, espremidas para dar o precioso líquido, guardadas em depósitos, ou cubas para macear, fermentar, seguindo-se o processo de aclaramento. Vem depois o estágio em barricas durante o tempo julgado necessário, com envelhecimento ou não, findo o qual se engarrafa o vinho como produto final, pronto a ser bebido.

Ora para se editar um livro, o escritor começa por ter o universo das palavras à sua disposição (a nossa vinha), e trata-a como entende, na sua obra. Da junção dessas palavras nasce o seu texto, que uma vez terminado equivale à vindima. É pois preciso *engarrafa-lo*, isto é dar ao texto o formato de um livro pronto a consumir pelo leitor.

Aqui há lugar a um parêntesis, já que o livro não se consome na leitura, o texto fica e pode ser relido até que hajam leitores nessa língua; o vinho, uma vez bebido consome-se, acaba... No entanto, a cada leitura a sua interpretação, como se na realidade se consumisse o texto, tal qual o vinho da garrafa. Um livro lido uma segunda vez não é entendido da mesma forma, é como se fosse outro.

Bom! Os cachos de palavras (uvas) que deram o texto acabado (vinho) vêm finalmente engarrafados em livro com o seu valor

organolético, com uma estrutura, corpo, cor, perfume, um ressaibo denotando a origem, o seu produtor, o ‘escritor enólogo’, e vem finalmente referenciado ao ano da sua colheita. Livros há contudo, sem idade, eternos, saídos de colheitas excepcionais, de escritores fora de tempo, é certo; mas o mesmo se passa com certos vinhos. No entanto na sua maior parte, os livros como os vinhos, são para consumir num tempo mais ou menos curto, segundo as suas próprias características e qualidades.

Na poesia, ainda maior é a semelhança entre livro e garrafa, quer pelo género, que trás vigor etéreo ao texto; quer pelo ritmo em si, emprestando um carácter tânico estruturado vinculando a força do texto.

Estes poemas satíricos particularmente, dada a natureza do assunto tratado, dão um livro correspondente a um vinho de castas tipicamente portuguesas (embora de remota origem provençal), de corpo, bem tânico, com alguma estrutura e perfume de especiarias e frutos vermelhos em compota. Embora seja ainda jovem, espero ter qualidades suficientes para ser guardado e apreciado por alguns anos. Ao contrário do vinho, pode ser consumido sem moderação, mas será mais bem apreciado se for saboreado com tempo, folha a folha.

Apreciem-no! Boa leitura! Que vos dê um prazer semelhante ao que eu tive ao escrevê-lo.

V. O. M.
Jan 2008

PRELIMINARES

Quase todos os nossos poetas, maiores ou menores, têm alguns poemas eróticos, satíricos, ou até erótico-satíricos, no entanto não conheço na língua portuguesa, um livro de um só autor exclusivamente dedicado a poemas erótico-satíricos, a não ser o de Bocage (e que livro!), o qual não pretendo sequer imitar. É pois no sentido de reabrir esta porta que esta pequena experiência nasceu, e a incursão neste campo me deu um gozo indescritível a escrever. Cada peça pretende observar uma situação diferente, embora como é óbvio algumas se repitam, até mais do que uma vez. O tema não está esgotado e uma das intenções é também a de fazer aceitar um género que tem assento nas nossas belas canções de escárnio e maldizer, na nossa capacidade de autocrítica, e que pode renascer na actualidade.

Estes poemas, se assim lhes podermos chamar, nasceram um tanto como reacção à recepção que (erradamente) me pareceu fria, a uma receita em verso de *pumbetas de bacalhau*, enviada como resposta a um pedido de receitas de bacalhau do semestre português do Centro Comum de Investigação da União Europeia, na segunda metade de 2007. Era então uma das actividades previstas para o semestre, e não andaria muito longe da verdade se disser que essa receita foi uma das primeiras a chegar e porventura uma das mais completas, já que incluía como era pedido, uma história, a receita e um poema.

Ocorreu-me então a ideia de fazer nada menos que 69 poemas de carácter satírico, sobre o assunto ‘erótico’ no dia-a-dia das gentes, e aspectos correlacionados, por contraponto com a reacção da coordenadora do projecto do livro, que me pareceu (erradamente, percebi algum tempo depois) adoptar uma posição pudica para com a receita em rima (de tom sensual), onde o *quer albo* aparece por alusão / confusão fonética com o órgão sexual

masculino, no mais vernáculo da sua expressão. E assim foram saindo ao longo dos meses uns tantos versos despreziosos e brejeiros, após o que teve lugar uma longa fase de selecção, revisão e eliminação ou substituição de alguns versos até deixar aqueles que hoje se mostra.

Como é óbvio, na sua maior parte os versos vêm da minha posição de espectador do mundo e das situações da espécie humana, e da sua incubação na cabeça do escrevinhador. Não são, nem minimamente de forma alguma autobiográficos, pois como é sabido, com algumas honrosas excepções, em Portugal quem muito sabe e faz, pouco escreve, ou vice-versa. É além disso uma visão exclusivamente assumida no masculino, já que me é muito difícil vê-la de outra forma...

Foi escrito em Itália, à beira do Lago *Maggiore*, muitas vezes no barco que de Arona, no Piemonte leva à cidade de Angera na Lombardia, que está mesmo defronte (como Lisboa com Cacilhas), ou durante a pausa para almoço, entre Abril e Novembro de 2007.

ÍNDICE

Introdução	7
Preliminares	9
69 Poemas Carnais	11
A Receita: Fodas de bacalhau	83
Glosas & Glossário da terminologia do sexo	89
Glossário	91
Cona	93
Caralho	95
Foda	96
Colhões	97
Minete	98
Ai maminhas, gentis porque partistes	99
Negra pintelheira	100
Descalça vai para a cama	101
Relaxe	103

